

ASPECTOS DA POLISSEMIA NOMINAL EM LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA

Ana Mineiro

(Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa/FCT –
amineiro@ics.lisboa.ucp.pt)

Liliana Paiva Duarte

(Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa -
leelgp@gmail.com)

Paulo Vaz de Carvalho

(Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa e Instituto
Jacob Rodrigues Pereira - pcjanas@sapo.pt)

Carles Tebé

(Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra /
Université de Montréal – carles.tebe@upf.edu)

Margarita Correia

(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Instituto de Linguística
Teórica e Computacional – margarita.correia@iltec.com)

Sinopse

A Língua Gestual Portuguesa (LGP) foi, em 1997, reconhecida como a língua oficial dos surdos portugueses. Os trabalhos pioneiros de William Stokoe, na década de 60, sustentaram a evidência de que os surdos possuem a sua própria língua, que adquirem de forma natural sempre que expostos a um ambiente linguístico que lhes permita a sua aquisição e desenvolvimento plenos. A LGP é uma língua natural e apresenta uma complexidade estrutural equivalente à das línguas orais, sendo possível distinguir elementos descritivos da mão, tais como a configuração, o local de articulação, o movimento, a orientação e ainda os componentes não-manuais. A LGP desenvolve-se num “espaço sintáctico”, espaço em frente do gestuante, onde se organizam as relações morfológicas e sintácticas.

Neste artigo, pretendemos descrever e classificar alguns processos de polissemia nominal que detectámos em LGP.

Partindo duma abordagem *bottom-up*, com base num corpus de cem gestos nominais, observámos os processos polissémicos presentes. Tendo como referência um enquadramento teórico-conceptual de cariz cognitivista da noção de polissemia, detectámos processos metonímicos, de denominação através de características estereotípicas de um determinado referente e de possível contacto linguístico entre a Língua Gestual Portuguesa e a Língua Portuguesa Escrita. Também foram encontrados processos de polissemia que parecem assentar numa sinonímia visual e cuja polissemia se reveste de uma identificação sinónima, através de uma imagem comum, entre um referente e outro.

Salientaremos ainda que este trabalho se considera exploratório, relativamente, aos processos de polissemia em LGP, sendo nossa intenção continuar a estudar com mais dados este fenómeno.

Palavras-Chave: Língua Gestual Portuguesa – Semântica Lexical – Linguística Descritiva – Linguística Cognitiva – Polissemia

Resumen

La Lengua de Señas Portuguesa (LGP) fue reconocida en 1997 como la lengua oficial de la población sorda portuguesa. Los trabajos pioneros de William Stokoe, en la década de 1960, evidenciaron que los sordos poseen una lengua propia que adquieren de forma natural, siempre que estén expuestos a un ambiente lingüístico que les permita la adquisición y el desarrollo de su propia lengua. La Lengua de Señas Portuguesa presenta una complejidad estructural equivalente a la de las lenguas orales, siendo posible distinguir elementos descriptivos de la mano, tales como la configuración, el lugar de articulación, el movimiento, la orientación y los componentes no manuales. La LGP se desenvuelve en un “espacio sintáctico”, espacio frente al gestuante donde se organizan las relaciones morfológicas y sintácticas.

En este artículo, pretendemos clasificar y describir los procesos de polissemia nominal que detectamos en LGP. Partiendo de un abordaje *bottom-up*, basado en un corpus de cien gestos (todos ellos sustantivos), observamos y aislamos los fenómenos

polisémicos presentes en el corpus. Posteriormente, tras situarnos en un marco teórico-conceptual cognitivista en relación a la noción de polisemia, describimos y caracterizamos los fenómenos polisémicos mencionados, que relacionamos con procesos metonímicos, de denominación a través de características estereotípicas de un determinado referente, y de posible contacto lingüístico entre la Lengua de Señas Portuguesa y la Lengua Portuguesa Escrita. También encontramos procesos de polisemia que parecen asentarse en una cierta sinonimia visual y cuya polisemia se reviste de una identificación, entre un referente y otro, a través de una imagen común.

Queremos subrayar que este es un primer trabajo, de carácter exploratorio, del fenómeno de la polisemia em LGP, y es nuestra intención continuar estudiando este fenómeno con mayor profundidad en futuras publicaciones.

Palabras-clave

Lengua de Señas Portuguesa – Semántica Léxica – Lingüística Descriptiva – Lingüística Cognitiva – Polisemia

1. Notas Introdutórias

A Língua Gestual Portuguesa (doravante LGP) é, desde 1997, a língua reconhecida como a língua oficial dos surdos portugueses, tal como estabelece a Lei Constitucional nº 1/97, artigo 47º, nº 2, alínea h.

As línguas gestuais utilizam uma modalidade biológica na percepção e na produção que difere das línguas orais. Enquanto nas línguas orais o *input* é de carácter auditivo, nas línguas gestuais ele é visual. Relativamente ao *output*, nas línguas gestuais este tem um carácter manual e não oral. Esta diferença na percepção e na produção linguísticas levou, durante muitos anos, a que as línguas gestuais não fossem consideradas como línguas plenas, mas sim sistemas pantomímicos de comunicação.

Os trabalhos desenvolvidos por William Stokoe, na década de 60 do século XX, sustentaram a evidência de que os surdos possuem a sua própria língua, que adquirem de forma natural sempre que expostos a um ambiente linguístico que lhes permita a sua aquisição e desenvolvimento.

A partir da mesma década de 60, surgiram estudos que demonstraram, por diferentes vias, o facto de as línguas gestuais e, em particular, a ASL (American Sign

Language), serem línguas “paralelas” às línguas orais, tanto no que respeita à sua aquisição e desenvolvimento (Petitto e Marententte, 1991), como na própria localização cerebral relativamente à linguagem (Poizner, Bellugi e Klima, 1987). A partir destas descobertas, tem-se promovido o trabalho em linguística das línguas gestuais, especialmente da ASL. Relativamente à LGP, os trabalhos pioneiros da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa¹⁴ têm provado que este é um campo no qual os linguistas podem e devem intervir. Verificamos, no entanto, que muito trabalho está ainda por fazer nesta área¹⁵, que carece de um olhar aprofundado sobre os vários aspectos linguísticos e cognitivos desta língua, que se vê nascer.

A LGP apresenta uma complexidade estrutural equivalente à das línguas orais, sendo, todavia, certo que é difícil categorizar os seus componentes mínimos, uma vez que, como língua gestual que é, envolve, prioritariamente elementos manuais que não correspondem, coercivamente, aos fonemas das línguas orais¹⁶. É possível distinguir elementos descritivos da mão (cf. Faria *et al.*, 1992), tais como a configuração, o local de articulação, o movimento, a orientação e ainda os componentes não-manuais. A LGP desenvolve-se num “espaço sintáctico”, espaço em frente do gestuante onde se organizam as relações morfológicas e sintácticas.

Neste artigo, pretendemos descrever e classificar alguns processos de polissemia nominal que detectámos em LGP. Partindo duma abordagem *bottom-up*, com base num corpus de cem gestos pertencentes à categoria nome, desenhado para abranger várias áreas temáticas, observámos os fenómenos de polissemia. Inserimo-nos, por isso, num contexto metodológico de linguística descritiva, pois acreditamos que, dado o estado da arte relativamente ao trabalho linguístico em LGP, torna-se necessário observar e descrever os gestos antes de propor o estabelecimento de regras circunscritas a regularidades que ainda não foram suficientemente observadas e descritas. Salientaremos ainda que este trabalho se considera exploratório,

¹⁴ Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, destacaríamos duas linguistas que têm trabalhado nesta área, Maria Raquel Delgado Martins e Isabel Hub Faria.

¹⁵ É de notar que o único documento científico existente relativo a uma descrição dos vários aspectos gramaticais da LGP (Amaral *et al.*, 1994) não contempla fenómenos semânticos, como, por exemplo, a polissemia, tema do presente artigo.

¹⁶ Encontra-se em curso, embora em fase ainda embrionária, no Instituto de Ciências da Saúde da UCP, um trabalho de investigação que visa delimitar os componentes mínimos em LGP, desenvolvido por membros do Grupo de Investigação de Neurociências Cognitivas (GNC), linha de investigação em linguística da LGP, em parceria com linguistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL).

relativamente, aos processos de polissemia, sendo nossa intenção continuar a estudar com mais dados este fenômeno.

2. Enquadramento teórico-metodológico

2.1. Conceito de polissemia

O conceito de polissemia, ou seja, “the association of two or more related senses with a single linguistic form” (Taylor, 1995) é um fenômeno corrente nas línguas naturais e, por isso, tem merecido a atenção de linguistas de diferentes escolas e que trabalharam em diferentes áreas ou disciplinas linguísticas. No entanto, nem todas as correntes linguísticas prestaram à polissemia a mesma atenção: depois de uma fase inicial, centrada no estudo diacrônico, de base filológica, o linguista francês Bréal, que cunhou o termo *semântica*, foi o primeiro a dar uma visão sincrônica do fenômeno da polissemia e a caracterizá-lo como um elemento sistêmico ligado à mudança semântica e à evolução das línguas, em 1887. Porém, a polissemia desempenhou um papel bastante secundário nos estudos linguísticos levados a cabo tanto pelo estruturalismo como pelo gerativismo.

Para os estruturalistas, a análise do significado baseava-se na decomposição em traços semânticos. Este processo permitia identificar cada par significante-significado, descrevendo-o e relacionando-o com os significados contíguos (através de uma categorização por Condições Necessárias e Suficientes, normalmente representadas sob a forma de matrizes de traços semânticos). Esta perspectiva metodológica de base composicional, que se baseava na equivalência entre uma forma fonológica e um único significado, minimizava a percepção de um fenômeno que, pela sua própria natureza, exigia um enfoque mais global, menos formal e compartimentado. Assim, a polissemia de uma palavra como *léxico* teria sido descrita como a simples adição de *léxico*₁ (conjunto de palavras) e *léxico*₂ (vocabulário especializado).

De certo modo, esta confusão entre polissemia e homonímia foi retomada pelo gerativismo. Alguns autores referiram-se a este paradigma dominante durante grande parte do século XX como o “single meaning approach” (Cuyckens e Zawada, 2001). Assim, os linguistas gerativistas, muito mais interessados pelo conceito de “competence” do que pelo de “performance”, levaram a cabo uma análise semântica em que os diferentes significados de uma unidade lexical estavam inseridos num

significado mais global, abrangente, descrito no “sistema” da língua. A descrição dos sentidos reais do uso ficava, portanto, fora do âmbito dos seus interesses.

No fundo, este pouco interesse explica-se porque ambas as correntes linguísticas consideraram a polissemia como um fenómeno marginal, nunca regular e sistémico, considerando que, na relação entre forma e significado, a norma lexical predominante era combinação de monossemita (o “single meaning approach”) e homonímia, isto é, a coincidência formal entre duas unidades lexicais que partilham a mesma denominação, mas que têm significados diferentes.

É apenas com a chegada da linguística cognitiva, ao longo dos anos 80 e 90 do século XX, que a polissemia começa a desempenhar um papel central na descrição do significado lexical (cf. Lakoff e Johnson, 1980; Langacker, 1987, 1991; Fauconnier, 1994; Taylor, 1995; Ungerer, 1996, e muitos outros). Todas estas aproximações partiam de um mesmo princípio de base: o de que as unidades lexicais, tal como as classes de palavras e as construções gramaticais, são categorias conceptuais que devem ser estudadas como um reflexo de princípios cognitivos gerais, mais do que como fenómenos linguísticos puramente formais. A linguística cognitiva, ao incorporar trabalhos e métodos de outras disciplinas (filosofia da linguagem, psicologia experimental), estava em melhores condições para descrever a polissemia como um fenómeno regular da linguagem.

Em síntese, para a linguística cognitiva, as unidades lexicais polissémicas são descritas como categorias de significados inter-relacionados em torno de um protótipo (Rosch, 1973) mediante associações semânticas ou “family resemblances” (na feliz expressão de Wittgenstein). Isto é, o significado de uma unidade lexical deixava de ter um valor unitário, monossémico, numa qualquer estrutura profunda, para se transformar num conjunto de significados inter-relacionados mediante processos cognitivos como a metaforização, a metonímia, a especialização ou a generalização.

Se, no paradigma dominante até então, os significados de uma palavra polissémica eram descritos como derivações de um significado principal (normalmente motivado etimologicamente), no paradigma cognitivista, um significado (ou vários dos significados) de uma palavra pode ser mais relevante (“salient”) que os restantes, mas os diferentes significados não derivam uns de outros: relacionam-se, sim, entre si, mediante os processos acima mencionados.

Neste trabalho, adoptaremos os princípios descritivos da polissemia propostos pela linguística cognitiva. Visamos, assim, dar conta das inter-relações entre os diferentes significados que alguns gestos da LGP exibem, procurando explicar as semelhanças de família entre eles existentes. Mostraremos que, além de casos em que o mecanismo envolvido é a metonímia *stricto sensu*, encontramos alguns casos por enquanto dificilmente enquadráveis em qualquer dos mecanismos semânticos recorrentemente propostos na literatura, a saber, metáfora, metonímia, especialização e generalização.

2.2. Descrição do Corpus de Análise e Metodologia Utilizada

2.2.1. O *Corpus-LGP*

O *Corpus-LGP* contém cem gestos. Os gestos foram recolhidos com base nos gestos presentes no *Gestuário*¹⁷ e em materiais didáticos¹⁸ de apoio ao ensino de surdos, já constituídos, por essas serem as fontes mais consultadas e utilizadas pelos gestuantes de LGP. Foram escolhidos gestos comumente utilizados na comunicação quotidiana, repartidos pelas seguintes áreas temáticas: animais, frutos, estações do ano, transportes, países e cidades.

O *Corpus-LGP* foi constituído em cinco fases diferentes. Na primeira fase, seleccionaram-se cem gestos repartidos pelas categorias mencionadas. Numa segunda fase, tendo como base uma lista escrita, elicitaram-se os gestos a sete¹⁹ sujeitos surdos profundos (com aquisição precoce de LGP) e que são alfabetizados em português, gravando em vídeo a gestualização dos itens elicitados. Numa terceira fase, dois ouvintes gestuantes fluentes de LGP e dois gestuantes surdos, também fluentes em LGP, seleccionaram os gestos potencialmente polissémicos num sub-corpus (cf. Anexo 1), com base na sua competência linguística. Numa quarta fase, e a partir de imagens digitalizadas representativas dos referentes do sub-corpus, pediu-se a cada informante que falasse livremente sobre as imagens, gravando a produção

¹⁷ O *Gestuário* é uma compilação escrita com imagem correspondente de gestos essenciais da LGP. É um trabalho que se assemelha aos dicionários impressos das línguas orais. O *Gestuário* foi coordenado por António Vieira Ferreira e Adalberto Fernandes e está editado pelo Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, em Lisboa.

¹⁸ Os materiais didáticos são da autoria de Paulo Vaz de Carvalho e foram confeccionados com base nos gestos intuitivamente mais utilizados na comunicação quotidiana, assim como naqueles que se encontram presentes em Faria, I. H., Ferreira, J. A., Barreto, J., Martins, M., Neves, N., Santos, R., Vilela, S. (2002). + *LGP – Materiais de Apoio ao Ensino da Língua Gestual Portuguesa: O Mundo*. Laboratório de Psicolinguística, FLUL. Publicação em CD-Rom, versão 1.0.

¹⁹ Número total de informantes.

contextualizada do gesto e não a unidade isolada. Depois de analisadas as várias produções filmadas e tendo-se chegado à conclusão da existência de variação na denominação dos referentes, pediu-se, uma semana depois, aos mesmos sete informantes, que repetissem a quarta fase deste processo, no sentido de tentar quantificar a variação nas denominações potencialmente polissémicas.

2.2.2. Metodologia utilizada na análise

Após a constituição do *Corpus-LGP*, verificámos gesto por gesto – tendo como referência o conhecimento linguístico de dois gestuantes ouvintes fluentes em LGP e de dois gestuantes surdos de LGP – a possibilidade de polissemia de cada item.

Tendo chegado a conclusões sobre os itens potencialmente polissémicos, pedimos aos informantes que gestuassem as unidades polissémicas nas acepções diferentes da unidade de partida do corpus. Verificámos que, de facto, alguns gestos se apresentavam como idênticos para as várias acepções, enquanto outros se apresentavam com variações, a nível sintáctico e morfofonológico. Para além dessa mostra de variação, a verdade é que certos gestos umas vezes apareciam com variações e outras vezes se apresentavam como idênticos à forma de partida, ou à forma “motivadora”. Para descrever a variação observada e quantificar as ocorrências entre as duas formas em competição, foi necessário submeter novamente os informantes a um processo de gestualização filmado das unidades polissémicas, em contexto natural.

Este estudo teve por base uma metodologia descritiva e de observação dos dados, numa abordagem que se pretende *data-driven* e *bottom-up*, ou seja, guiada pelos dados e construída em termos de classificação dos mesmos através da observação dos resultados do corpus.

3. Apresentação e análise dos dados

Tendo em conta o que se sabe sobre o fenómeno de polissemia das línguas em geral, verifica-se que a LGP exhibe processos de polissemia gestual, tal como podemos observar nos parágrafos que se seguem.

3.1. Descrição e análise do tipo de processos polissémicos

No corpus recolhido, foram encontrados vários gestos que denotam diferentes processos subjacentes de polissemia, em LGP.

Assim sendo, foram encontrados processos de polissemia que relevam de metonímia *stricto sensu*. Porém, detectámos também gestos cuja polissemia deriva quer de denominação através de características estereotípicas de um determinado referente, quer de possível contacto linguístico entre a LGP e a língua portuguesa escrita, além de outros cuja polissemia parece assentar numa sinonímia visual e se reveste de uma identificação, pela imagem, entre um referente e outro.

Não excluimos a hipótese de que, após análise mais cuidada, a levar a cabo futuramente, não possamos vir a descrever estes três últimos processos como casos particulares de metonímia, mas, por enquanto, não temos dados suficientes que nos permitam tomar confirmar ou infirmar esta hipótese.

3.1.1. Polissemia por metonímia

Tradicionalmente, metáfora e metonímia são entendidos como dois processos com semelhanças²⁰, na medida em que representam um mapeamento conceptual sistemático de um domínio-fonte num domínio-alvo. A distinção entre estes dois processos semelhantes assenta no facto de a metáfora estabelecer relações de *similaridade*, ao passo que a metonímia se edifica sobre relações de *contiguidade*. Ambos os processos contribuem decisivamente para a criação, por *extensão*, de polissemia, nas línguas naturais.

No caso do corpus recolhido, foram encontrados gestos polissémicos, através de processo metonímico. Já em 1995, Correia havia chamado a atenção para casos de metonímia em gestos de LGP, contidos no *Gestuário*. Daquilo que nos é dado conhecer, a metonímia constituirá provavelmente o processo mais produtivo na geração de polissemia em LGP – e até em outras línguas gestuais.

Assim os pares, CAFÉ²¹ (bebida) e CAFÉ (local onde se bebe), CEREJA e FUNDÃO, e BACALHAU e SEXTA-FEIRA (dia em que se comia bacalhau na escola de surdos) exibiram o mesmo gesto para denominar os dois referentes de cada

²⁰ Num contexto de modelo de rede esquemática de categorização, popularizado por Langacker (1987/1991), tanto a metáfora, na sua similaridade, como a metonímia na sua contiguidade, se apresentam como relações de *extensão*, por oposição às relações de *esquematização* (generalização) e *especificação* (Silva, 120 e segs).

²¹ Os gestos representam-se em maiúsculas, porque são glosas da LGP para a língua portuguesa.

par. No caso de BACALHAU, o gesto é produzido, em algumas ocorrências apenas com a mão não-dominante. Este facto acontece quando o gesto é elicitado descontextualizado, pois quando é produzido em contexto apresenta-se idêntico a SEXTA-FEIRA. No caso de CAFÉ, não sabemos se a sua polissemia assenta num processo metonímico *stricto sensu* ou no contacto linguístico entre a língua portuguesa escrita e a língua gestual portuguesa, o que se afigura como uma possibilidade.

Com tendência para assumir uma polissemia metonímica, encontraram-se também os gestos PÁSCOA e AMÊNDOA, que apenas diferiram na componente não-manual, parâmetro fonológico. O par PEIXE e TERÇA-FEIRA (dia da semana em que, na escola de surdos, a refeição era peixe) também exibiu uma grande proximidade, podendo vir a constituir-se como uma unidade polissémica, residindo a diferença entre os dois gestos (PEIXE e TERÇA-FEIRA) na duplicação²² em TERÇA-FEIRA. O trio UVA-SETEMBRO-PALMELA também apresentou tendência para uma polissemia motivada pela metonímia, e as variações destes três gestos, situam-se, a nível do plano sintáctico (distância proximal e medial).

3.1.2. Polissemia por efeito de estereótipo

A LGP conta com vários recursos para a formação de nomes concretos e comuns.

A atribuição, por exemplo, de nomes próprios gestuais faz-se, dentro da comunidade surda, através de um processo de negociação democrático e interno e com base em vários tipos de sistemas, tal como se encontra descrito em Carvalho (2006). Um dos sistemas de atribuição de nomes próprios reside no processo de “efeito de saliência”. Com base numa característica física notória (exs.: nariz grande, olhos pequenos, etc.) ou psicológica (exs.: expressividade, timidez, etc.), o nome gestual é atribuído.

Processo parecido é aquele que acontece com os nomes concretos e comuns de países ou cidades. A partir de um ícone consensualmente representativo (estereótipo) desse local (país ou cidade), o nome é criado. No corpus recolhido, encontramos vários gestos referentes a países ou cidades construídos, polissemicamente, através de

²² Usamos aqui o termo *duplicação* como equivalente do termo inglês *reduplication*, para denominar o processo pelo qual ocorre a repetição do todo ou de parte do gesto em análise.

um efeito de estereótipo. Utilizaremos a noção de estereótipo, no sentido que Kleiber (1990) lhe atribui, distinguindo-a da noção de protótipo (melhor exemplar de uma categoria conceptual ou linguística).

Assim, a denominação dos países e cidades é feita com base num gesto já existente e que representa de forma estereotipada esse mesmo país, tal como pode observar-se nos seguintes exemplos.

Ao nome TELENOVELA é atribuído o gesto BRASIL (com variação na duplicação em TELENOVELA). Ambos os referentes são nomeados pelo mesmo gesto residindo a sua única diferença na repetição do gesto no caso TELENOVELA, unidade construída a partir de BRASIL. O mesmo se passa com ARGENTINA e BOI, sendo, neste caso, a duplicação em ARGENTINA.

Totalmente idênticos são IRLANDA e HARPA, ESCÓCIA e GAITA-DE-FOLES, GUIMARÃES e CASTELO.

Com variação no parâmetro fonológico (expressão do rosto), encontramos o par de gestos: TERRAMOTO e ITÁLIA, incidindo a expressão facial diferenciadora no gesto para TERRAMOTO. Sem variação, encontra-se o par ITÁLIA e ALGÉS, que apresenta o mesmo gesto para os dois referentes em todas as ocorrências.

3.1.3. Polissemia por contacto linguístico

Pensamos que a criação de novos conteúdos semânticos para gestos já formados e estabilizados se pode fazer, também, no corpus recolhido, através de contacto entre a LGP e a língua portuguesa escrita. É conhecida a dificuldade dos surdos para a aprendizagem da leitura e para a produção da língua portuguesa escrita, facto que se encontra descrito na literatura sobre LGP e educação de surdos (Baptista, 2007), sendo os “erros” ou “desvios à norma escrita” comuns e retratados. Por este motivo apresentamos a hipótese²³ de a leitura influenciar a formação da acepção derivada no gesto pré-existente.

O processo que aqui apresentamos reveste-se de duas variantes interessantes, o contacto linguístico sem desvio de leitura e o contacto linguístico desviante (erro de leitura). O facto de considerarmos o processo aqui apresentado como polissémico e

²³ Pensar que a forma escrita em língua portuguesa motiva a criação de gestos, através de polissemia, em LGP, não deixa de ser uma interpretação plausível mas por provar. Para perceber se este processo é recorrente, teríamos de verificar esta hipótese através de um estudo estatístico que nos permitisse chegar a uma conclusão fidedigna.

não homonímico advém de termos circunscrito, de forma operativa, a noção de polissemia e utilizarmos esse conceito sempre que exista uma relação intencional e racional entre as várias acepções de um *item* (gesto/palavra) linguístico. Neste caso, consideramos que existe uma relação de contacto linguístico²⁴ entre duas línguas numa comunidade – a língua portuguesa é a língua “escrita” dos surdos portugueses, que promove, através da leitura, uma interpretação de dois itens como relacionáveis através de uma única forma.

Possíveis exemplos que ilustram a criação de uma acepção dentro de um gesto pré-existente, por erro de leitura²⁵ da língua portuguesa, são os pares: CAVALO e CARCAVELOS. Estas duas palavras têm uma forma física semelhante (três sílabas num caso e quatro noutra, grupos de consoantes e de vogais idênticas numa palavra e noutra). O outro par em que este fenómeno ocorre neste corpus é o par BRISTOL e PISTOL(A). Também neste par existe uma semelhança escrita entre os conjuntos de consoantes e vogais utilizadas em BRISTOL e PISTOL, o que pode promover a criação de uma acepção para o gesto baseada na relação entre significante (escrito)-significado pré-existente.

Existem casos, como os pares PERU (animal) e PERU (país) e CAFÉ (bebida) e CAFÉ (local onde se bebe o café) cujo gesto idêntico entre pares parece ancorar-se num processo de leitura sem desvios da língua escrita portuguesa. Tal como mencionámos anteriormente (cf. 3.1.1.), torna-se impossível perceber se CAFÉ (bebida) e CAFÉ (local) são formas polissémicas por metonímia ocorrida dentro da LGP, ou se a leitura da língua portuguesa influenciou a nomeação destes dois referentes através do mesmo gesto.

3.1.4. Polissemia por sinonímia imagética

Um dos processos de “reciclagem” de gestos para referentes inexistentes foi aquele que pensámos encontrar através da imagem visual. Este processo parece ser particularmente interessante, pois pensa-se que a visão seja um dos sentidos mais

²⁴ É de salientar que a criação de palavras nas línguas orais, através de empréstimos linguísticos (contactos linguísticos) se faz também através da “deformação linguística” da unidade de origem (exs.: *abajur, quivi, líder*, entre outros). Sobre este tema remetemos para os trabalhos sobre o português europeu, como por exemplo os de Rebello de Andrade, e de Rebello de Andrade e Lavouras Lopes.

²⁵ Pensamos que este processo será comum a outras línguas gestuais, nomeadamente a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a British Sign Language (BSL). Esta hipótese poderá vir a ser estudada, posteriormente.

desenvolvidos no surdo. Consequentemente, o processamento do “mundo da imagem” será um processo operativo, linguisticamente, no caso das línguas gestuais e, em particular, da LGP. Os processos de composição morfológica dos gestos são sobretudo de motivação visual, geralmente referenciais (indicando indirectamente as partes do corpo ou os pronomes), icónicos (representação delineada do objecto ou utilização da configuração da mão para representar o próprio objecto) e metafóricos e metonímicos (cf. Faria *et al.* 2001: 87-98). Relativamente aos processos metonímicos, já tivemos oportunidade de os apresentar, na secção 2.1.1. Parece-nos que o processo de “sinonímia imagética” que aqui se propõe se enquadra nesta tendência da LGP para criar gestos, motivados visualmente.

Neste caso, encontrámos os pares relativos a marcas cujo símbolo é um gesto já existente, tal como em ELEFANTE e JUMBO (supermercado); ESTRELA e AMADORA (por influência do símbolo Clube de Futebol, Estrela da Amadora). A sinonímia imagética (o símbolo representativo e o referente) provoca nestes casos a atribuição do gesto idêntico à sua fonte, ficando, por isso, uma mesma forma com vários significados (nestes casos, o ELEFANTE e o JUMBO, e a ESTRELA e a AMADORA).

3.2. Descrição da variação dos gestos potencialmente polissémicos

A variação é sistémica dentro das línguas naturais. A juventude da LGP poderá ser promotora desta faceta interna das línguas, tal como está descrito na literatura, por exemplo, por Henriques (2006), a propósito da variação nominal na “história da rã”.

Uma questão curiosa que se levantou com a recolha dos dados foi a constatação de que existem, nesta língua tão jovem, formas linguísticas potencialmente polissémicas mas que, ainda, não se estabilizaram por completo, nesse contexto.

Assim, se alguns dos gestos recolhidos são claramente formas linguísticas polissémicas, ou seja, um mesmo gesto para vários significados co-relacionáveis, outros gestos competem para se circunscreverem neste fenómeno.

Pensamos que o factor de “economia linguística” de que falava Aristóteles²⁶, a propósito das razões para a existência da polissemia poderá contribuir de forma

²⁶ Aristóteles encontra uma acertada razão – a da economia linguística, ou seja capacidade de reciclagem da matéria linguística perante novos estímulos referenciais (objectos, conceitos) – para explicar a polissemia, quando refere que:

decisiva para que a “selecção natural” das formas polissémicas se faça em detrimento das suas variantes, embora esta suposição não deixe de ser especulativa.

Houve gestos que se apresentaram como indubitavelmente polissémicos (100% das ocorrências, no corpus recolhido), enquanto outros gestos apresentaram algum tipo de variação, seja ela, a nível dos parâmetros sintácticos – o mesmo gesto produzido em distâncias diferentes do espaço sintáctico (distância proximal, medial e distal), ou a nível morfofonológico (como a duplicação do gesto ou a diferença acentuada na expressão facial).

A verdade é que os gestos que apresentaram derivações relativamente à forma original, mostrando-se, assim, no nosso entender, como variantes em competição, não parecem estar estabilizados na forma diferenciada e exibiram ocorrências em que as duas formas são idênticas (cf. Anexo 2). Só a história da LGP poderá, de futuro, trazer-nos luz sobre qual das formas vingará relativamente à outra, ou se as duas se manterão em uso.

Em suma, os gestos que se apresentaram em todas as ocorrências como uma mesma forma foram:

BRISTOL – PISTOL(A); CAVALO – CARCAVELOS; CEREJA – FUNDÃO;
CASTELO – GUIMARÃES; CAFÉ (local) – CAFÉ (bebida); ELEFANTE –
JUMBO; ESTRELA – AMADORA; HARPA – IRLANDA; ITÁLIA – ALGÉS;
GAITA-DE-FOLES – ESCÓCIA; PERU (animal) – PERU (país).

Os gestos que apresentaram variação foram:

BACALHAU – SEXTA-FEIRA; BOI – ARGENTINA; ESTRELA –
AMADORA; UVA – PALMELA – SETEMBRO; TERRAMOTO – ITÁLIA;
PÁSCOA – AMÊNDOA; PEIXE – TERÇA-FEIRA; BRASIL-TELENOVELA.

4. Notas Finais

Neste trabalho, detivemo-nos sobre o fenómeno de polissemia em LGP. Após apresentarmos uma panorâmica da abordagem da polissemia por diferentes escolas linguísticas, posicionando-nos numa perspectiva cognitivista, descrevemos a

*Os nomes são em número limitado, bem como a pluralidade dos enunciados, ao passo que as coisas são infinitas em número. É, por conseguinte, inevitável que o mesmo enunciado e que uma única e mesma palavra signifiquem várias coisas (Aristóteles, *Elencos Sofísticos*, 165a 10-13, apud Silva, 16).*

metodologia seguida neste trabalho. Posteriormente, descrevemos alguns casos de polissemia de gestos da LGP, procurando explicitar os mecanismos semânticos subjacentes à atribuição de significados múltiplos a um mesmo gesto, com ou sem variação neste.

Detectámos casos em que claramente existe polissemia por metonímia. No entanto, detectámos outros casos em que ocorrem processos que, por enquanto, não temos como enquadrar exactamente naqueles que a literatura prevê (metáfora, metonímia, especialização e generalização) e que apresentámos como constituindo polissemia por efeito de estereótipo, por contacto linguístico e por sinonímia imagética. Detivemo-nos brevemente na questão da variação em LGP.

O trabalho agora apresentado constitui uma primeira abordagem do tema com alguma sistematicidade. Ainda que reconheçamos o seu carácter embrionário, consideramos que apresenta aspectos relevantes:

- trata-se de um trabalho de observação e descrição dos dados relativamente ao fenómeno de polissemia que, tanto quanto nos é dado conhecer, ainda não foi realizado para a LGP;

- trata-se de uma tentativa de classificação de determinados processos subjacentes à polissemia em LGP que, parecem ser característicos desta língua;

- foram enunciadas hipóteses de causalidade entre a forma polissémica e a origem da polissemia a serem confirmadas, no caso da formação de gestos através da leitura das palavras em língua portuguesa.

Como questões a aprofundar no futuro, acreditamos ser necessário:

- um aprofundamento da classificação de processos aqui apresentada, de modo a verificar se, de alguma forma, estes processos se enquadram ou vão além daqueles que são normalmente aceites e apresentados na literatura como os quatro grandes processos de polissemização – a saber, metáfora, metonímia, especialização e generalização;

- uma avaliação do verdadeiro peso relativo da metonímia na LGP (e provavelmente nas demais línguas gestuais), relativamente aos restantes processos semânticos;

- uma avaliação da importância da metáfora (certamente o processo mais produtivo de polissemia nas línguas orais) na geração de significados múltiplos no âmbito da LGP.

Para procurar respostas a estas e outras questões, propomo-nos levar a cabo um trabalho exploratório sistemático dos processos de polissemia nominal dos gestos, trabalho que nos permitirá compreender de forma mais segura os processos envolvidos. Acreditamos, ainda, ser necessária a constituição de um corpus natural para observar os dados produzidos em contexto e proceder a um estudo contrastivo dos dados elicitados sem contexto (1ª fase), dos dados elicitados em contexto e dos dados produzidos em comunicação natural. Este trabalho permitir-nos-á não apenas aprofundar as questões expostas, como, ainda, descrever de forma sistemática a variação nos gestos e até (re)avaliar as metodologias mais operativas para o trabalho sobre LGP.

5. Bibliografia

Amaral, M. A., A. Coutinho e M. R. Delgado Martins. *Para Uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1994.

Baptista, J. A. N. *Os Surdos na Escola. A Exclusão pela Inclusão*. Tese de Doutoramento. Universidade Católica Portuguesa. Viseu, 2007 (inérita).

Bréal, M. "The history of Words". *The beginnings of semantics. Essays, Lectures and Reviews*. Ed. Wolf, G. London: Duckworth, 1887.

Carvalho, P. V. *Contribuição para o estudo da formação de atribuição dos nomes gestuais nas comunidades de surdos em Portugal*. Diss. de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2006 (inérita).

Correia, M. "O léxico na Economia da Língua". *Ciência da Informação* 3 (1995): 299-306.

Cuyckens, H. e B. Zawada, eds. *Polysemy in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

Henriques, L. *Para uma descrição da variação nominal em LGP*. Diss. de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2007 (inérita).

Faria, I. H., L. Henriques, M. Martins e O. Monteiro. "Predicados de movimento em Língua Gestual Portuguesa". *Revista Polifonia*. Ed. Colibri, nº 4 : Lisboa (2001) : 87-98.

Fauconnier, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

Kleiber, G. *La semantique du prototype. Categories et sens lexical*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

Klima, E. e U. Bellugi. *The Signs of Language*. Harvard, U.S.A.: Harvard University Press, 1975.

Langacker, R. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. 1, Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

Langacker, R. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. 2, Descriptive Application*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

Lakoff, G. *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

Lakoff, G. e Mark Johnson. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

Lyons, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

Palmer, F. *Semantics. A New Outline*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

Petitto, L. A. e P. F. Marenttete. "Babbling in the Manual Mode: evidence for the ontogeny of language". *Science*, vol 251, (1991): 1493-1496.

Poizner, H., E. S. Klima e U. Bellugi. *What the Hands Reveal about the Brain*. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

Rebello de Andrade, A. *As palavras importadas no léxico da decoração*. Diss. de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1996 (inérita).

Rebello de Andrade, A e A. Lavouras Lopes. "O tratamento dos estrangeirismos nas duas últimas edições da Porto Editora". *Revista de Lexicografia*, IX (2003): 7-28.

Rosch, E. "Natural Categories". *Cognitive Psychology*. Vol 4, Academic Press Inc (1973): 328-350.

Silva, A. Soares da. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

Stokoe, W. *Sign language structure. An Outline of the visual communication system of the American deaf*. *Studies in Linguistics*. Occasional Papers 8. Buffalo, N.Y.: University of Buffalo, 1960.

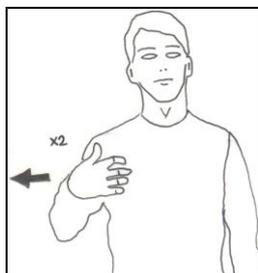
Taylor, J. *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

Ungerer, F. e H. J. Schmid. *An Introduction to Cognitive Linguistics*. London: Longman, 1996.

Wittgenstein, L. *Philosophical Investigations*. Oxford: Blackwell, 1953.

Anexo 1: Sub-corpus 17 gestos-base polissémicos ou potencialmente polissémicos²⁷

B

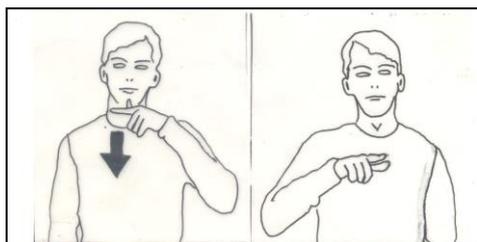


BACALHAU / SEXTA-FEIRA



BOI / ARGENTINA

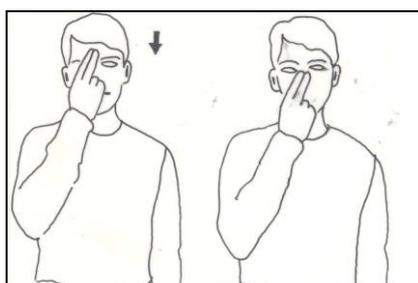
C



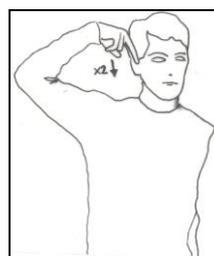
CAFÉ (bebida) / CAFÉ (local)



CAVALO / CARCAVELOS



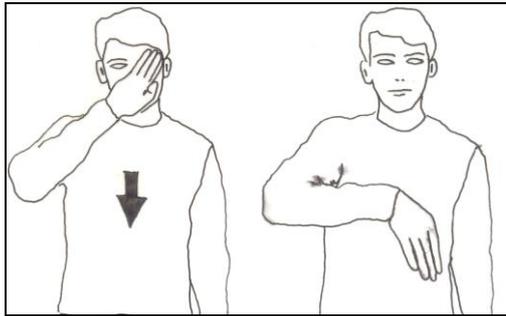
CASTELO / GUIMARÃES



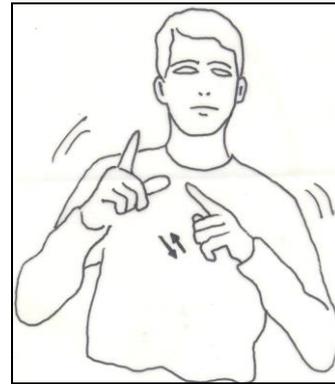
CEREJA / FUNDÃO

E

²⁷ Por não termos encontrado imagens fidedignas atempadamente para os gestos TERRAMOTO/ITÁLIA/ALGÉS, BRASIL/TELENOVELA e BRISTOL/PISTOLA, estes não se encontram aqui referenciados.

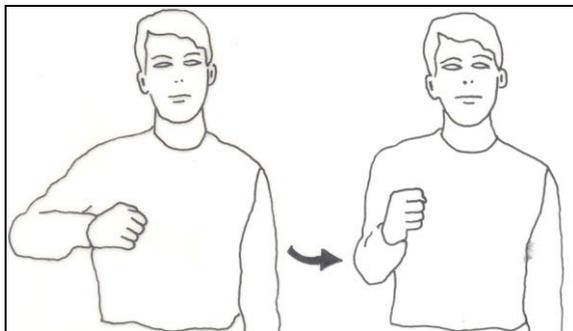


ELEFANTE / JUMBO



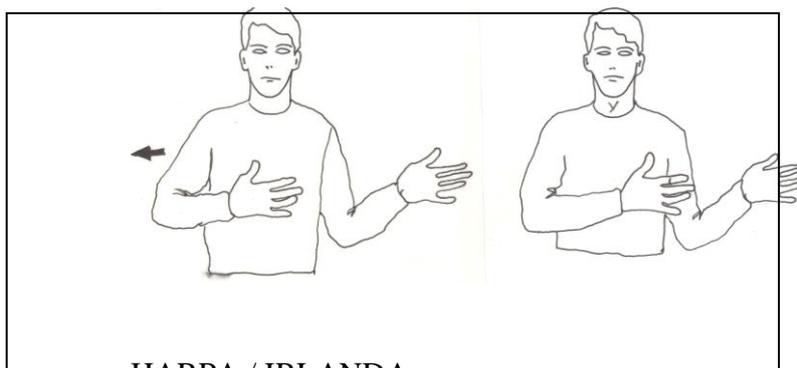
ESTRELA / AMADORA

G



GAITA-DE-FOLES / ESCÓCIA

H

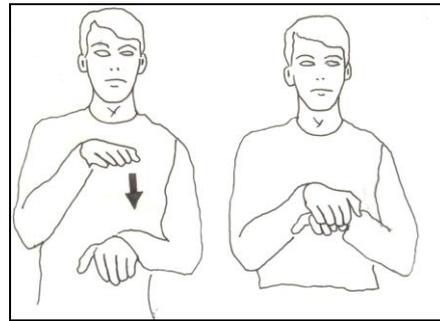


HARPA / IRLANDA

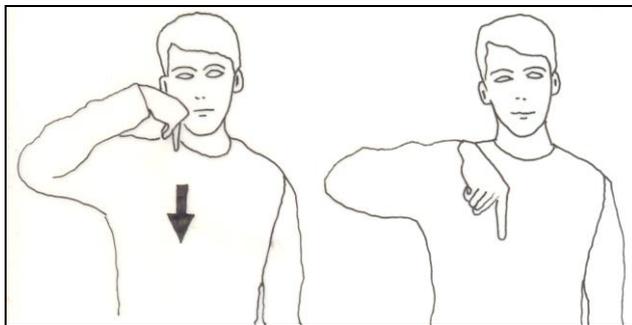
P



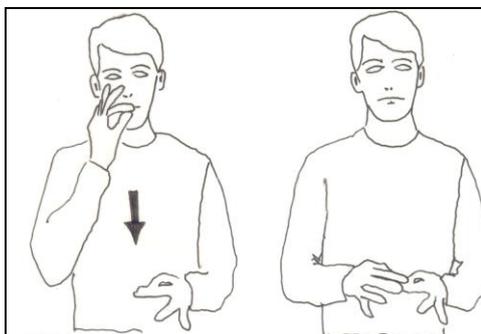
PÁSCOA / AMÊNDOA



PEIXE / TERÇA-FEIRA



PERU (animal) / PERU (país)

U

UVAS / SETEMBRO / PALMELA

Anexo 2: Tabela com a frequência das ocorrências em competição

Gestos	Nº. Total de ocorrências	Produção do mesmo gesto²⁸	Variação²⁹
ALGÉS	7	7	
ITÁLIA	8	8	
TERRAM OTO	6	5	1
AMÊNDO A	9	6	3
PÁSCOA	7	6	1
BACALH AU	7	7	
SEXTA- FEIRA	7	7	
BOI	9	7	2
ARGENTI NA	8	8	
BRASIL	9	6	3
TELENOV ELA	7	7	
CAFÉ (bebida)	7	7	
CAFÉ (local)	7	7	
CAVALO	8	8	
CARCAV ELOS	8	8	

²⁸ Nesta coluna encontram-se os gestos que apresentaram um maior número de ocorrências em comparação com a coluna “Variação”.

²⁹ Nesta coluna encontram-se os gestos que apresentaram variações, quer ao nível fonológico, quer ao nível do plano sintático, mas sem comprometer o seu significado.

CASTELO	7	7	
GUIMAR ÃES	7	7	
CEREJAS	9	9	
FUNDÃO	9	9	
ESTRELA	3	2	1
AMADOR A	14	8	6
ELEFANT E	3	3	
<i>JUMBO</i>	7	7	
GAITA- DE-FOLES	5	5	
ESCÓCIA	7	7	
HARPA	4	4	
IRLANDA	9	9	
PEIXE	10	7	3
TERÇA- FEIRA	8	8	
PERÚ (animal)	10	10	
PERÚ (país)	6	6	
PISTOL (pistola)	7	7	
BRISTOL	7	7	
UVAS	8	8	
SETEMBR O	6	6	
PALMEL	8	6	2

A			
---	--	--	--